

Proteção aos índios? Um escândalo nacional

Herbert Levy*



Parece inacreditável que uma das denúncias mais graves sobre ações contrárias aos interesses nacionais tenha surgido em artigo no The Wall Street Journal, da autoria de Matt Moffet, traduzido e publicado pela Gazeta Mercantil em sua edição deste fim de semana.

Abstenho-me de comentários iniciais para transcrever trechos dessa denúncia:

"No final dos anos 80 os índios saltaram ao centro do debate internacional sobre o meio ambiente. Adotando uma posição apaixonada contra um projeto de hidrelétrica que poderia ter submergido uma vasta extensão da floresta tropical, os caiapós emergiram como ícones do movimento verde de todo o mundo, e ganharam uma comenda do papa João Paulo II. O governo brasileiro acabou por conceder aos "guardiões da floresta tropical"

uma reserva de 40 mil quilômetros quadrados, um território do tamanho da Virgínia Ocidental, onde as companhias brasileiras de madeira e de mineração não poderiam entrar. Mas agora aqueles que eram heróis do meio ambiente ganharam um nome menos lisonjeiro: "Caiapó Inc.". Desde que sua reserva se consolidou nos últimos anos, os chefes de quase todas as cerca de vinte aldeias caiapó realizaram acordos ilegais com madeireiros e mineiros. Os contratos trouxeram dinheiro, ouro e todo tipo de aparelhos modernos para os chefes, mas deixaram praticamente na miséria os 4 mil membros das tribos caiapós".

Como se vê, foram atribuídos 10 quilômetros quadrados de terra por habitante, ou seja, 10 mil metros quadrados, inclusive para mulheres, crianças e recém-nascidos. Mas os únicos beneficiados são os chefes, transformados em multimilionários, donos de considerável parcela do território nacional. Essa incrível generosidade já tinha "água no bico", como se diz na gíria, e

aqueles que tinham autoridade no governo para decidir deveriam ser processados por suspeita de cumplicidade nesse assalto ao patrimônio público, disfarçado como ação necessária para a proteção dos "esquecidos índios brasileiros".

Prossigue a reportagem do The Wall Street Journal:

"Uma investigação feita pelo grupo ambientalista Amigos da Terra constatou que os chefes caiapós da aldeia de Kikretun permitiram aos madeireiros extrair pelo menos 30 mil metros cúbicos de mogno - cerca de 1.500 cargas de caminhão - em troca de um avião, veículos motorizados e algumas residências no estilo ocidental. O mogno e outras madeiras-de-lei tropicais cada vez mais escassas estão no centro de uma batalha ambiental internacional que visa impedir sua exploração indiscriminada. Os caiapós sustentam que a negligência governamental não lhes deu nenhuma alternativa além de vender os recursos naturais de sua reserva".

"O que mais pode o caiapó fazer para sobreviver quan-

do o índio não existe aos olhos do Estado brasileiro?", pergunta Paulinho Paiakan, o caiapó mais conhecido, chefe da aldeia da A-Ukre.

"De sua parte, os ambientalistas sustentam que os índios estão vendendo seus recursos naturais barato demais e usando os rendimentos para a compra de produtos supérfluos. Em A-Ukre, uma madeireira recentemente instalou uma enorme antena parabólica no centro da taba. O que a aldeia realmente precisa é de uma assistência médica melhor. Num banco de madeira rústico perto da antena, uma mulher está sentada tragando um cachimbo em forma de trombeta e expelindo fumaça de tabaco na cabeça de seu bebê para erradicar o abundante contingente de piolhos."

A resposta aos milionários chefes caiapós é óbvia: agricultura e pecuária, bastando que o Ministério da Agricultura dê assistência técnica, contribuindo para combater um dos piores assaltos ao patrimônio nacional.

Conclui o acatado órgão econômico dos Estados Unidos:

"A Body Shop International plc, rede de varejo com sede em Londres especializada em produtos naturais de higiene e beleza, tem um contrato com A-Ukre há vários anos para colher e processar castanhas brasileiras que entram na composição de um popular condicionador de cabelo. Numa reunião com funcionários da Body Shop, muitos líderes caiapós queixaram-se amargamente de estar sendo excluídos da ponta da comercialização da atividade e de estar recebendo uma renda muito pequena pelo seu trabalho. Saindo da cabana onde é extraído óleo de castanha, um chefe confidencia:

"Você ganha muito mais dinheiro vendendo madeira".

E desnecessário acrescentar que, no governo de Fernando Henrique Cardoso, que tranqüiliza a opinião pública sobre todos os aspectos, inclusive a idoneidade moral, a dilapidação do patrimônio público disfarçado em ajuda aos índios não poderá continuar.

* Presidente do Conselho de Administração da Gazeta Mercantil.